

O
Castigo
Eterno

A. W. Pink

Tradução
Helio Kirchheim

Índice

Introdução	4
1. Objeções à doutrina do castigo eterno	7
2. O destino dos perversos	16
3. A espécie de castigo que aguarda os perdidos	27
4. Aplicações práticas do assunto	33

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

1ª) O leitor perceberá que alternamos com frequência a versão bíblica na citação dos textos da Bíblia. Usamos como padrão a versão Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil, mas recorreremos também a outras três em especial: a **RC** — versão Revista e Corrigida, da Sociedade Bíblica do Brasil; a **BRA** — Tradução Brasileira, da Sociedade Bíblica do Brasil (encontrada na Bíblia Online 3.0); e a **SBTB** — versão Fiel, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. Fazemos isso a contragosto, uma vez que parece estarmos “adaptando” o texto à variação do pensamento do Autor do livro, mas isso é só aparente. O que de fato acontece é que o Autor, o irmão A.W.Pink, usou apenas **uma** tradução — a King James — que não tem equivalente exato em nossa língua. Daí a razão de fazermos uso das outras versões, procurando ser o mais possível fiéis ao original inglês.

2ª) As notas de rodapé são todas do tradutor.

Introdução

Nosso propósito, nesta obra, é escrever sobre uma das mais solenes verdades ensinadas na Palavra de Deus. E, antes de começar, voltamo-nos ao Senhor e ardentemente suplicamos a sabedoria e a graça de cuja necessidade sentimos aguda consciência; suplicamos que o Senhor nos preserve de todo erro naquilo que vamos dizer, e que nada nestas páginas desagrade ao Santo, "de quem viemos e a quem servimos". Oh, que possamos escrever no espírito dAquele que disse: "Quem conhece o poder da tua ira? e a tua cólera, segundo o temor que te é devido?" (Sl 90.11).

O assunto que vamos tratar precisa de ênfase em nossos dias. Na grande maioria dos nossos púlpitos nada se ouve sobre o assunto, e o fato de que ele tem tão pouco espaço na pregação moderna é um sinal dos tempos, uma das muitas evidências de que a apostasia está às portas. É bem verdade que há muitos que estão orando por um avivamento mundial, mas me parece que seria mais apropriado (e mais bíblico) que se ore ao Senhor da seara que Ele levante e suscite obreiros que preguem sem medo e com fidelidade as verdades que com certeza trariam um avivamento.

Embora seja verdade que todo avivamento genuíno procede de Deus, Ele não age caprichosamente ao enviar os avivamentos. Estamos convictos de que Deus nunca abre mão dos Seus direitos soberanos de decidir quem e onde Ele vai abençoar conforme a Sua boa vontade. Mas também cremos que neste assunto, como em qualquer outro, há uma conexão direta entre causa e efeito. E um avivamento é o efeito de uma causa prévia. Um avivamento, como uma conversão genuína, é operado por Deus através da Palavra — a Palavra aplicada pelo Espírito Santo, sem dúvida. Por isso, é necessária alguma coisa mais (de nossa parte) do que oração: a Palavra de Deus tem de receber um lugar, um lugar proeminente, o mais proeminente lugar. Sem isso, não haverá avivamento, não importa quantas sejam as atividades e quão vigorosas se mostrem as emoções.

É minha convicção profunda que a coisa de que mais precisamos hoje é uma ampla proclamação dessas verdades que menos são aceitáveis à carne. Aquilo de que precisamos hoje é uma exposição bíblica do caráter de Deus — Sua absoluta soberania, Sua inefável santidade, Sua justiça inflexível, Sua veracidade imutável. Aquilo de que precisamos hoje é uma exposição bíblica da condição do homem natural — sua depravação total, sua insensibilidade espiritual, sua inveterada hostilidade contra Deus, o fato de que ele "já está condenado" e que a ira de um Deus que odeia o pecado paira agora mesmo sobre ele. Precisamos hoje é de uma exposição bíblica do alarmante perigo em que os pecadores se encontram — a terrível e indescritível maldição que os aguarda, o fato de que se eles avançarem um pouco que seja na direção em que andam, eles com certeza sofrerão a

devida retribuição das suas iniquidades. Precisamos hoje é de uma exposição bíblica da natureza dessa punição que aguarda os perdidos — quão terrível essa punição é, a desesperança dessa punição, quão insuportável ela é, que ela não tem fim, que é eterna. É por causa dessas convicções que estamos tentando soar o alarme — tanto por escrito como por viva voz.

Talvez algum dos leitores julgue necessário que apresentemos provas sobre o que afirmamos no parágrafo anterior. Podemos imaginar algum leitor questionando: "Talvez algumas dessas verdades sejam necessárias aos perdidos, mas com certeza você não está querendo dizer que esses assuntos têm de ser apresentados ao povo de Deus!" Mas é exatamente isso que estamos querendo dizer, é essa justamente a nossa intenção. Leiam de novo as Epístolas, caros amigos, e reparem o lugar que recebe nelas cada um desses assuntos! É exatamente porque essas verdades foram omitidas das ministrações públicas aos santos que agora encontramos em nossas assembléias esse tipo de cristão fraco, sentimental, desequilibrado. Uma clara visão dos majestosos e aterrorizantes atributos de Deus baniria muita da nossa leviandade e irreverência. Um melhor entendimento da depravação de nossa natureza nos humilharia, e nos faria ver a nossa profunda necessidade de usar os meios apropriados da graça. Uma visão do alarmante perigo em que se encontra o pecador nos levaria a "considerar os nossos caminhos" e nos tornaria mais diligentes em "confirmar a vossa (nossa) vocação e eleição". A compreensão do horrível sofrimento que aguarda os perdidos (e que cada um de nós merece plenamente) aprofundaria imensamente a nossa gratidão, e nos levaria a agradecer a Deus com mais fervor o fato de termos sido arrancados como tições do fogo, e libertos da ira vindoura; e, também, isso nos faria mais fervorosos em nossas orações em favor dos que ainda não estão salvos. Além disso, pregações bíblicas e esclarecedoras sobre esse assunto, em alguns casos, pelo menos, alertariam aqueles que têm forma de piedade, mas que negam na prática o poder de uma vida santa. Talvez esse tipo de pregação tivesse algum efeito na grande multidão de frequentadores de igreja que "se sente à vontade em Sião". Quem sabe essas pregações, pela intervenção de Deus, pudessem acordar os indiferentes, e levar alguns que andam despreocupadamente e indiferentes a clamar: "O que eu preciso fazer para ser salvo?" Lembre-se de que o solo tem de ser arado antes de se poder semear; e as verdades acima mencionadas são necessárias como preparação para o Evangelho.

Quanto ao castigo eterno dos perversos, há poucos, ao que parece, que entendem a vital importância de publicar em alta voz essa verdade, e menos ainda são os que se apercebem da profunda seriedade do que está envolvido na recusa de fazê-lo. Pode-se ver a importância de um testemunho claro a respeito dessa doutrina ao reparar o lugar destacado que ela recebe na Palavra; e, por outro lado, a seriedade de negar essa doutrina se evidencia pelo fato de que essa negação é uma rejeição da verdade de Deus. A necessidade de dar a esse solene assunto um lugar proeminente em nosso testemunho é evidente, pois é nosso sagrado dever alertar os pecadores do medonho perigo que correm e ordenar que fujam da ira vindoura. Manter silêncio é atitude criminosa; pôr qualquer coisa em lugar disso é apresentar ao perverso uma falsa esperança. A grande importância de expor essa doutrina, livremente e frequentemente, também se pode ver pelo seguinte: com exceção da cruz de Cristo, nada além desta doutrina do castigo eterno manifesta tão

claramente a odiosidade do pecado. Qualquer mudança que se fizer na doutrina da punição eterna simplesmente servirá para atenuar a maldade do pecado.

Propusemo-nos a tratar do assunto seguindo as seguintes divisões: Primeiro, examinaremos brevemente algumas das principais objeções que se apresentam contra a verdade da eterna punição. Em segundo lugar, agrupamos várias passagens que tratam do destino dos perdidos, mostrando que a morte sela o destino do pecador, que a sua condição depois disso é completamente sem esperança, que a punição que o aguarda é interminável. Em terceiro lugar, examinaremos as Escrituras que jogam luz sobre a natureza da punição que aguarda o perdido. Por último, faremos uma aplicação prática de todo o assunto tratado.



Capítulo 1

Objecções à doutrina do castigo eterno

Seria impossível, ao analisar as objeções que se fazem à verdade do castigo eterno, considerar todos os argumentos inventados pela mente fértil da incredulidade influenciada por Satanás. Consideraremos, todavia, os argumentos de maior peso, aqueles que têm maior aceitação entre os incrédulos. Vamos classificá-los da seguinte forma: Em primeiro lugar, deduções que se fazem dos atributos de Deus. Em segundo lugar, passagens bíblicas a que recorrem os universalistas. Em terceiro lugar, textos bíblicos usados pelos aniquilacionistas. Em quarto lugar, declarações de que o castigo não é penal e retributivo, mas disciplinar e corretivo.

1. Deduções que se fazem dos atributos de Deus

a) **Deus é amor.** Dessa premissa bíblica conclui-se que Ele jamais haverá de lançar nenhuma de Suas criaturas na desgraça eterna.

Mas temos de lembrar que a Bíblia também nos diz que “Deus é luz”, e que entre a luz e as trevas não pode haver comunhão. O amor de Deus não é um sentimento emocional que anula o discernimento moral. O amor de Deus é um amor santo, e pelo fato de ser assim Ele odeia o mal; sim, está escrito: “aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Sl 5.5). As Escrituras falam com muito mais frequência da cólera e da ira de Deus do que do Seu amor e compaixão. Por mais assustador que isso possa soar, é, contudo, um fato. Basta usar alguma concordância para constatá-lo por si mesmo. Argumentar, então, que, pelo fato de Deus ser amor, Ele não infligirá tormento eterno aos perversos, é desconhecer que Deus é luz, e difamar a Sua santidade.

b) **Deus é misericordioso.** Pode ser que o homem seja pecador, e que a santidade exija que ele seja punido, mas argumenta-se que a misericórdia divina haverá de intervir, e, mesmo que o castigo não seja revogado por completo, imagina-se que a sentença será modificada e os termos do castigo sejam abreviados. Diz-se que o tormento eterno dos perdidos não se harmoniza com um Deus de misericórdia.

Se por “misericórdia de Deus” queremos dizer que Ele é complacente demais para repartir entre Suas criaturas o castigo devido, pela lógica devemos aplicar isso a todos os demais atributos de Deus (já que são todos infinitos), e concluir que nenhuma de Suas criaturas pode sofrer de forma alguma. Contudo, é evidente que isso não é verdade. Os

fato negam isso. As criaturas de Deus sofrem, muitas vezes de modo excruciante, até mesmo nesta vida. Olhe o mundo de hoje, e repare na indizível miséria que abunda em todos os lugares; lembre-se, então, que, por mais misterioso que seja para nós, isso tudo é permitido por um Deus cheio de misericórdia. Depois, leia no Antigo Testamento os juízos do dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra com fogo e enxofre do céu; as pragas sobre o Egito; os juízos que se abateram sobre Israel; e então saiba que essas coisas não foram impedidas pela misericórdia de Deus! Argumentar, então, que, porque Deus é misericordioso Ele não haverá de lançar no lago de fogo cada um que não tiver o nome escrito no Livro da Vida, é fazer-se de cego diante de todos os juízos de Deus do passado!

c) Deus é justo. Muitas vezes se diz que Deus seria injusto se sentenciasse à perdição eterna qualquer de Suas criaturas faltosas.

Mas quem somos nós para julgar se é justo ou não o Deus que sabe todas as coisas? Quem somos nós para dizer o que é consistente ou não com a justiça de Deus? Quem somos nós para determinar o que haverá de justificar da melhor forma a benevolência ou a retidão de Deus? O pecado debilitou de tal forma a nossa capacidade de julgar, obscureceu nosso entendimento, entorpeceu nossa consciência, perverteu de tal forma nossa vontade, corrompeu de tal forma nosso coração, que somos totalmente incompetentes para julgar nesse assunto. Estamos de tal forma infectados pelo pecado e fomos tão afetados por ele, que somos completamente incapazes de avaliar o que de fato ele é e o castigo que esse pecado merece. Imagine um grupo de criminosos avaliando, julgando a validade, a retidão e a pertinência da lei que os condenou! A verdade nisso tudo é que Deus não será medido por padrões humanos — e quantas vezes se perde isso de vista!

Mas será que nos demos conta de que negar a justiça do castigo eterno é também repudiar a graça de Deus? Se a perdição eterna é injusta, então ser livre dessa perdição tem de ser direito do pecador; e, se admitimos isso, a sua salvação não pode jamais ser atribuída à graça, que é favor imerecido! Além disso, negar a justiça do castigo eterno é deixar de levar em conta a consciência cristã, que testemunha universalmente que a punição, e a punição somente, é tudo o que cada um de nós merece. Além disso, se o pecador desprezou e rejeitou a felicidade eterna, existe alguma razão pela qual ele deveria reclamar contra a justiça da miséria eterna? Finalmente, se existe uma maldade infinita no pecado — como de fato existe — então o castigo infinito é a sua adequada recompensa.

d) Deus é santo. E, pelo fato de Deus ser infinitamente santo, Ele tem infinito ódio pelo pecado. Dessa premissa bíblica alguns concluem erroneamente que, por essa razão, Deus haverá de triunfar, no fim, sobre o mal por meio do banimento de todo e qualquer vestígio dele do universo; de outra forma, dizem, fica comprometido o caráter moral de Deus.

Mas replicamos a esse sofisma da seguinte forma: A santidade de Deus não evitou que o pecado entrasse no Seu universo, e Ele permite que permaneça todos esses milhares de anos, por isso um Deus santo coexiste e pode coexistir com um mundo de pecado! Talvez alguém contra-argunte: Há várias e boas razões por que o pecado é permitido agora. Exatamente, contestamos. E quem sabe quais são essas razões? Podemos até conjecturar, mas quem sabe de fato? Deus não nos informa sobre isso na Sua Palavra.

Quem, então, está em posição de dizer que não haverá talvez razões eternas — necessidades — para a contínua existência do pecado? É a mais certa verdade que Deus vai triunfar sobre o mal. O Seu triunfo será manifesto pela prisão dos Seus inimigos num lugar onde não mais causarão dano, e onde nos seus tormentos a Sua santa indignação contra o pecado haverá de fulgir pelos séculos dos séculos. O lago de fogo será a coroa da completa derrota de Satanás.

2. Passagens bíblicas a que recorrem os universalistas

Os universalistas se dividem, de modo geral, em duas classes: aqueles que ensinam a salvação final de toda a raça humana, e aqueles que declaram a salvação final de todas as criaturas, inclusive do diabo, dos anjos decaídos, e dos demônios. O tipo de passagens bíblicas a que ambos apelam são versículos onde aparecem as palavras “todos”, “todos os homens”, “todas as coisas”, “o mundo”. A maneira mais simples de refutar o ponto de vista deles sobre essas passagens é mostrar que esses termos normalmente têm o sentido restringido pelo seu contexto imediato.

A questão levantada pelos universalistas se reduz a saber se os termos “todos os homens” e “todas as coisas” são usados, nas passagens que falam de salvação, num sentido limitado ou ilimitado. Vamos considerar, então, algumas passagens onde ocorrem esses termos, mas onde é impossível dar-lhes um sentido perfeito ou força absoluta:

“Saíam a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão” (Mc 1.5). “Estando o povo na expectativa, e discorrendo todos no seu íntimo a respeito de João, se não seria ele, porventura, o próprio Cristo” (Lc 3.15). “E foram ter com João e lhe disseram: Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro” (Jo 3.26). “De madrugada, voltou novamente para o templo, e todo o povo ia ter com ele; e, assentado, os ensinava” (Jo 8.2). “porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido” (At 22.15). “Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens” (2 Co 3.2).

Em nenhuma das passagens acima os termos “todos”, “todos os homens”, “todo o povo” têm extensão ilimitada. Em cada uma dessas passagens esses termos gerais possuem somente sentido relativo. Nas Escrituras, o termo “todos” é usado de duas formas: pode significar “todos sem exceção” (ocorre com pouca frequência), ou pode significar “todos sem distinção” (esse é o significado mais comum), ou seja, de todas as classes e de todas as espécies — velhos e jovens, homens e mulheres, ricos e pobres, instruídos e analfabetos, e em muitas ocasiões judeus e gentios, homens de todas as nações. Muito frequentemente o termo “todos” se refere a todos os crentes, todos que estão em Cristo.

O que acabamos de dizer a respeito do uso relativo e restrito dos termos “todos” e “todos os homens” também se aplica inteiramente ao termo “todas as coisas”. Nas Escrituras, essa é outra expressão que com frequência se usa com significado bastante

limitado. Apresentamos alguns exemplos: “Um crê que de tudo¹ pode comer, mas o débil come legumes” (Rm 14.2). “Não destruas a obra de Deus por causa da comida. Todas as coisas, na verdade, são limpas” (Rm 14.20). “Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns” (1 Co 9.22). “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm” (1 Co 10.23). “de tudo vos informará Tíquico, o irmão amado e fiel ministro do Senhor” (Ef 6.21). “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fp 4.13 — RC). Em cada uma dessas passagens, as expressões “todas as coisas”, “tudo”, “todos” têm significação restrita.

Outro grupo de passagens usadas pelos universalistas são versículos onde aparece a expressão “o mundo”. Mas um exame cuidadoso de cada uma dessas passagens onde esse termo ocorre no Novo Testamento haverá de mostrar que não somos forçados a entender que se referem à raça humana inteira, porque em inúmeras ocasiões o seu sentido é bem mais restrito. Considere os seguintes exemplos: “Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6.33). Repare que aqui não é uma questão de oferecer “vida” ao mundo, mas de dar “vida”. Será que Cristo “dá vida” — vida espiritual e eterna, uma vez que é isso que está sendo considerado aqui — a todo e qualquer membro da família humana? “Se fazes estas coisas, manifesta-te ao mundo” (Jo 7.4). Aqui é evidente que “o mundo” é expressão indefinida — apresente-Se em público, aos homens em geral, é o sentido óbvio aqui. “De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após ele” (Jo 12.19). Será que os fariseus queriam dizer que a raça humana toda estava indo “após ele”? É claro que não. “Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé” (Rm 1.8). Será que isso significa que a fé dos santos de Roma era conhecida e comentada por toda a raça humana? Será que todos os homens em todos os lugares falavam da fé deles? Será que todos sem exceção do império romano conheciam esses irmãos? A “palavra da verdade do evangelho, que chegou até vós; como também, em todo o mundo” (Cl 1.5,6). Será que a expressão “todo o mundo” aqui significa toda a humanidade, sem exceção nem distinção? Será que todos os homens em todos os lugares ouviram o Evangelho? É evidente que o significado desse versículo é que o Evangelho, em vez de se manter confinado na Judéia e entre as ovelhas perdidas da casa de Israel, espalhou-se sem restrições por muitos lugares. “e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta” (Ap 13.3). Sabemos, por meio de outras passagens bíblicas, que a referência, aqui, não é a todos os homens sem exceção.

Por meio das passagens citadas acima, vemos, então, que não há nada que nos obrigue a conceder significação ilimitada aos termos “todos os homens”, “todas as coisas”, “todo o mundo”. Dessa forma, quando insistimos que “todo o mundo” é salvo, e que “todos os homens” são remidos, são o ajuntamento de crentes e todos os homens que recebem a Cristo como Salvador pessoal, em vez de interpretar as Escrituras para agradar a nós mesmos, estamos expondo esses versículos em plena harmonia com as outras passagens bíblicas. Por outro lado, dar a esses termos significação ilimitada e fazê-los significar todos sem exceção é interpretá-los de forma incoerente com as muitas passagens que claramente ensinam que há pessoas que no final vão se perder.

¹ No grego, é o mesmo termo *πας* (pas) que aparece traduzido como “todas as coisas” em Rm 14.20.

Antes de prosseguir para nossa próxima subdivisão, uma última observação sobre o universalismo. O simples fato de que o universalismo é tão popular entre os perversos é prova irrefutável de que esse sistema não é ensinado na Bíblia. Lemos em 1 Coríntios 2.14: “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. O fato de que o homem natural aceita o ensino de que todos no final serão salvos é um sinal seguro de que isso não pertence às “coisas do Espírito de Deus”. Os ímpios detestam a luz, mas amam as trevas; portanto, uma vez que consideram “loucura” a verdade de Deus e a rejeitam, passam a considerar razoáveis as mentiras do diabo, e avidamente as engolem.

3. Textos bíblicos usados pelos aniquilacionistas

A verdade é uma só, consistente, eternamente imutável. O erro, à semelhança da Hidra², tem muitas cabeças, é inconsistente e contraditório, sempre mudando de forma. Os homens estão de tal forma determinados a convencer-se de que o castigo eterno dos ímpios é um mito, que a inimizade da mente carnal inventou uma variedade de formas para sair de debaixo do jugo dessa verdade que lhes parece tão odiosa. “Deus fez ao homem reto, mas ele buscou muitas invenções” (Ec 7.29 — RC). Uma dessas invenções é a teoria de que a morte do ímpio se transformará num eterno esquecimento, e que, depois de ressurgir e serem julgados diante do grande trono branco, eles serão aniquilados no lado de fogo. Por incrível que pareça, houve muitos e ainda há muitos que advogam essa ideia e a ela se aferram; e o que é ainda mais inimaginável, usam a Palavra de Deus para sustentar esse erro. Essa é a razão por que faremos uma breve menção desse ensino aqui.

O primeiro tipo de textos bíblicos que eles usam são versículos onde aparece o termo “morte”. Morte no mais absoluto sentido. Eles consideram a morte como a passagem da existência para a não-existência; uma completa extinção do ser. A morte é aplicada tanto à alma como ao corpo. Como descobrir, então, o erro disso tudo? Respondemos: recorrendo à Palavra de Deus. O significado de uma palavra não se obtém procurando sua etimologia nem observando a forma como foi usada por escritores pagãos, nem por meio de um dicionário da língua em que está escrita a Bíblia, nem mesmo de léxicos gregos, mas se encontra observando a forma em que é usada nas Sagradas Escrituras. O que significa, então, o termo *morte*, da forma que o Espírito Santo o usa?

Vejamos em primeiro lugar 1 Coríntios 15.36: “Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer”. Eis aqui a ilustração e o tipo que o Espírito Santo dá da morte e ressurreição de um crente. Considere: será que o germe vivo daquilo que é semeado se extingue antes de produzir fruto? É evidente que não. Sem dúvida, há uma deterioração da casca exterior — e aí reside a analogia com a morte do homem — mas o germe vivo dentro da casca não morre, caso contrário não seria possível uma colheita. Morte, então, de acordo com essa ilustração do Espírito Santo, não é aniquilação. A

² Serpente de sete cabeças, da Mitologia Grega, que renasciam quando decepadas, a não ser que fossem todas cortadas de um só golpe. Foi morta por Hércules.

mesma ilustração foi usada por nosso Senhor. Ele disse: “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 12.24). O caule e a espiga de grãos na época da colheita nada mais são que o germe vivo plenamente desenvolvido. É assim com o homem. O corpo morre; a alma continua viva. Repare como isso fica evidente, de forma inequívoca, nas palavras do Senhor registradas em Mateus 10.28: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”. O homem é incapaz de matar a “alma”! Mas Deus pode — repare cuidadosamente a distinção — “fazer perecer (não é ‘matar’) no inferno tanto a alma como o corpo”. Como “perecer” é outra palavra usada de forma indevida, e erroneamente definida pelos aniquilacionistas, temos de dispensar a ela algumas palavras de esclarecimento.

As palavras “destruir”, “destruição”, “perecer” etc., conforme usadas nas Escrituras, não significam nunca a cessação da existência. Em Mateus 10.7, uma das principais palavras gregas para “destruído” é traduzida como “as ovelhas *perdidas* da casa de Israel”. Esses israelitas não haviam deixado de existir, mas estavam afastados de Deus! Em Marcos 2.22, traduz-se a mesma palavra como “perder” em conexão com “odres” de couro, que o vinho novo arreventou. Dessa forma também, a palavra “perecer” não significa nunca aniquilação nas Escrituras. Em 2 Pedro 3.6, lemos: “veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água”. O “mundo” que pereceu, quer se refira à terra pré-adâmica, ou ao mundo destruído pelo Dilúvio, não se reduziu a nada. Quando a Escritura fala, então, dos ímpios perecendo e sendo destruídos, ela o faz com o objetivo de expor o erro desses que afirmam possuir um evangelho para os que morrem sem estarem salvos. Dessa forma, quando a Escritura ensina o fato que os ímpios “pereceram”, ela exclui toda esperança de uma subsequente salvação. O texto de 1 Timóteo 5.6 nos informa que existe uma morte em vida mesmo agora: “entretanto, a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta” — e assim será na eternidade.

O absurdo e a falta de base bíblica do aniquilacionismo são fáceis de expor. Se por ocasião da morte o pecador deixa de existir, por que ressuscitá-lo para depois aniquilá-lo outra vez? A Escritura fala do “castigo” e do “tormento” do ímpio; mas qualquer um pode ver que isso não é aniquilação! Se a aniquilação fosse tudo o que estivesse aguardando os ímpios, eles nunca haveriam de saber que receberam a justa e devida “recompensa” das suas iniquidades! A Escritura fala de graus de punição para os perdidos; mas a aniquilação tornaria isso impossível; a aniquilação nivelaria todas as distinções e desconsideraria todos os graus de culpa. Em Isaías 33.14, lemos o seguinte: “Quem dentre nós habitará com o fogo devorador? Quem dentre nós habitará com chamas eternas?” Longe de serem aniquilados, os pecadores habitarão com o fogo devorador! As Escrituras falam repetidas vezes de “choro e ranger de dentes” daqueles que são lançados no inferno; e isso, de uma vez por todas, acusa de mentirosos aqueles que declaram o aniquilamento do ser.

4. A teoria de que o castigo dos perversos é disciplinar e corretivo

Existem aqueles que admitem que os ímpios serão lançados no inferno, mas que insistem que o castigo é corretivo e não retributivo. Inventou-se uma espécie de

purgatório protestante, cujo fogo serve para purificar em vez de punir. Uma ideia dessas desonra grandemente a Deus. Alguns dos que sustentam essa ideia dizem querer honrar a Cristo, mas na verdade O desonram absurdamente. Se os homens que morreram rejeitando o Salvador depois haverão de ser salvos, se o fogo do inferno tem como objetivo fazer aquilo que o sangue da cruz não pôde fazer, então por que foi necessário o divino sacrifício — todos poderiam ser salvos pelos sofrimentos disciplinares do inferno, e assim Deus poderia ter poupado o Seu Filho. Além do mais, se Deus Se compadece tanto de Seus inimigos e não deseja senão um final feliz de infinita compaixão para aqueles que desprezaram e rejeitaram Seu Filho, perguntamos: Por que, então, Ele toma providências tão terríveis para com eles? Se eles não precisam de outra coisa senão de disciplina amorosa, não poderia a sabedoria divina inventar alguma medida mais gentil do que entregá-los ao “tormento” do lago de fogo pelos “séculos dos séculos”? Essa é uma dificuldade insuperável no caminho dos que defendem a teoria que estamos refutando. Mas uma vez que percebemos que o lago de fogo é o lugar do castigo, e não da disciplina, e que é a ira de Deus e não o Seu amor que lança ali os réprobos, desaparece toda e qualquer dificuldade sobre o assunto.

Por mais inconsistente que possa ser, há aqueles que argumentam que o fogo do inferno deve a sua eficácia disciplinar ao sangue de Cristo. Esses inimigos da verdade receberam uma boa resposta de Sir Robert Anderson: “Essa punição, ... precisa ser a penalidade devida aos seus pecados; de outra maneira seria injusto aplicá-la. Se, então, os perdidos haverão de se salvar por fim, isso tem de acontecer ou porque eles cumpriram a penalidade; ou por meio da redenção (ou seja, porque Cristo sofreu essa penalidade por eles). Mas se os pecadores podem salvar-se por satisfazer a justiça divina cumprindo a penalidade que o pecado merece, então Cristo não precisava ter morrido. Se, por outro lado, os remidos pudessem ser condenados, embora destinados à vida eterna em Cristo, para que eles mesmos sofressem a penalidade do pecado, seriam destruídos os fundamentos da nossa fé. Não são — eu repito — as consequências normais e disciplinares do pecado que se seguem ao julgamento, mas sim as consequências penais, referentes ao castigo do pecado. Dessa forma, podemos entender como pode o pecador escapar da maldição que lhe é destinada por meio do pagamento vicário do seu débito, ou podemos (pelo menos em teoria) admitir que ele pode ser liberado pagando pessoalmente “até o último centavo”. Mas levar o pecador a pagar o que deve, e depois libertá-lo porque alguém pagou tudo antes que ele terminasse de fazê-lo por completo — isso é totalmente incompatível tanto com a justiça como com a graça” (Human Destiny).

Além do mais, se for verdade que os condenados no lago de fogo continuam sendo objeto da benevolência divina; que, como criaturas da Sua mão, o Senhor continua velando por eles com a mais benigna consideração, e o fogo inextinguível nada mais é do que uma vara na mão de um Pai sábio e amoroso, perguntamos: Como é que isso pode se harmonizar com a maneira constante com que as Escrituras falam dos descrentes? Deus não nos deixou sem saber como Ele haverá de julgar aqueles que aberta e persistentemente O desafiaram. Repetidas vezes a Bíblia nos informa o solene fato que Deus vê os perversos como estorvos, que Lhe causam repulsa. Eles são comparados a “lixo”, e não a ouro (Sl 119.119); são “palha” sem valor (Mt 3.12); são “víboras” (Mt 12.34); são “vasos de desonra” e “vasos de ira” (Rm 9.21,22); eles serão postos debaixo

dos Seus pés (1 Co 15.27), são como “árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas” (Jd 12) e por essa razão não estão preparadas senão para o fogo; como aqueles que serão vomitados da boca do Senhor (Ap 3.16), ou seja, como objetos de repugnância. Algumas dessas passagens descrevem os réprobos judeus; outras, pecadores de entre os gentios; algumas referem-se àqueles que viveram em dispensações passadas; outros pertencem à presente; algumas falam de homens que se encontram deste lado do túmulo, outras falam daqueles que já passaram para o outro lado. Um dos objetivos de chamar-lhes a atenção é mostrar como Deus julga os Seus inimigos. O que se pode avaliar das passagens acima (e poderíamos com facilidade citar muitas outras) não se harmoniza com a visão de que Deus os contempla com amor e que nutre por eles somente os mais ternos afetos.

Podemos comentar uma outra classe de passagens bíblicas a esse respeito. “Porque levantarei a minha mão aos céus e direi: Eu vivo para sempre. Se eu afiar a minha espada reluzente e travar do juízo a minha mão, farei tornar a vingança sobre os meus adversários e recompensarei os meus aborrecedores. Embriagarei as minhas setas de sangue, e a minha espada comerá carne; do sangue dos mortos e dos prisioneiros, desde a cabeça, haverá vinganças do inimigo” (Dt 32.40-42). Será que isso se enquadra na teoria de que Deus nada tem além de compaixão para com aqueles que O desprezaram e O desafiaram?

“Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a minha mão, e não houve quem desse atenção; antes, rejeitastes todo o meu conselho e não quisestes a minha repreensão; também eu me riirei na vossa perdição e zombarei, vindo o vosso temor, vindo como assolação o vosso temor, e vindo a vossa perdição como tormenta, sobrevindo-vos aperto e angústia. Então, a mim clamarão, mas eu não responderei; de madrugada me buscarão, mas não me acharão” (Pv 1.24-28). Será essa a linguagem de Alguém que continua com propósitos de misericórdia para com os Seus inimigos?

“Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém se achava comigo; e os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura” (Is 63.3). Pese isso com cuidado, e então pergunte se um tratamento assim se dá àqueles sobre quem o Senhor nutre nada além de compaixão.

Se alguém dissesse que todas essas passagens são do Antigo Testamento, bastaria dizer que são, de fato. Mas quem está falando ali é o mesmo Deus que Se revela no Novo Testamento. Mas considere também um versículo do Novo Testamento. O Cristo de Deus dirá aos homens: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno” (Mt 25.41). Será possível imaginar que o Filho de Deus pronunciaria essa terrível maldição sobre aqueles que foram designados meramente para um tempo de castigo disciplinar, após o qual eles estarão para sempre com Ele em perfeita bem-aventurança?!

Temos procurado, dessa forma, mostrar que as várias objeções levantadas contra o castigo eterno não se sustentam diante do teste das Escrituras Sagradas; e que, embora muitas vezes apresentadas de forma plausível, e com a declarada intenção de justificar o caráter de Deus, contudo na realidade essas objeções não são nada mais do que argumentos da mente carnal, que é inimizada contra Deus.

Tendo-nos desvencilhado das principais objeções que se fazem contra a verdade do castigo eterno, passaremos agora a considerar **O DESTINO DOS PERVERSOS**.



Capítulo 2

O destino dos perversos

É extremamente necessário que tratemos desse solene assunto com imparcialidade e com equilíbrio emocional. Oremos a Deus — autor e leitor juntamente — para que todo pré-julgamento e preconceito seja removido de nossas mentes. Faríamos mal se nos sentássemos aos pés da Infinita Sabedoria determinados a nos agarrar ao que previamente já tínhamos concluído. Não há nada que seja mais ofensivo a Deus do que ousar examinar a Sua Palavra, professando um desejo de aprender o que Ele pensa, quando já com antecedência resolvemos em proveito próprio aquilo que ela vai dizer. Alguém já disse que deveríamos trazer nossas mentes às Escrituras como papéis em branco são trazidos às impressoras, para que possam receber unicamente a impressão dos tipos. Que essa graça nos seja concedida a todos nós, que possamos sempre apresentar nossas mentes ao ensino do Espírito Santo, para que ali seja impresso apenas o que Deus designar. Que nosso único desejo seja ouvir “O que diz o Senhor?”

1. A certeza do julgamento dos perversos

Está escrito: “aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9.27). Este é um dos muitos versículos que refutam os erros dos aniquilacionistas, os quais dizem que o julgamento do pecador é a própria morte. Mas aqui morte e julgamento são claramente distintos. Um segue a outra.

Há numerosas passagens bíblicas que estabelecem o fato de que haverá um futuro julgamento para os pecadores. Em Eclesiastes 11.9 lemos o seguinte: “Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas”. Além do mais, em Eclesiastes 12.14, somos informados que “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”. O Novo Testamento dá testemunho da mesma verdade: “porquanto [Deus] estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos” (At 17.31). A descrição do próprio julgamento está em Apocalipse 20.11-15.

Não há dúvida que esse julgamento com certeza vai acontecer — “o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e reservar, sob castigo, os injustos para o Dia de Juízo” (2

Pe 2.9). O pecador não terá nenhuma possibilidade de evitá-lo. Ninguém vai escapar dele — “Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.33). Qualquer resistência, individual ou coletiva, será inútil — “O mau, é evidente, não ficará sem castigo” (Pv 11.21). Deus não deixará de vingar-Se dos Seus inimigos, nem mesmo que eles se unam em confederação para tentar resistir a Ele.

2. A morte sela o destino dos pecadores

As Escrituras ensinam claramente que a oportunidade que o homem tem para a salvação se limita ao período da vida aqui na terra. Se ele morre sem salvação, seu destino está inexoravelmente traçado. Há dois textos bíblicos no Novo Testamento em que mais se baseiam aqueles que afirmam que há, para os perdidos, esperança após a morte. Ambos estão na Primeira Epístola de Pedro. Vamos examiná-los, então, brevemente.

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca” (3.18-20 — Versão da SBTB). Mas esses versículos não se referem de forma alguma a pregação ouvida por aqueles que já tivessem passado desta vida. Esse texto simplesmente nos relata que o Espírito de Deus pregou através de Noé, enquanto a arca estava sendo construída, àqueles que eram desobedientes; e porque eles recusaram atender a essa pregação, eles agora são “espíritos em prisão”. Não foi Cristo mesmo que “pregou”, mas o Espírito Santo, como se vê claramente no início do verso 19 — “no qual também” — o “no qual” aponta para trás para “o Espírito” no final do versículo 18. Que o Espírito Santo mesmo se dirigiu aos antediluvianos nós sabemos através de Gênesis 6.3: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem”. O Espírito agiu através da pregação de Noé. Que Noé era um “pregador”, nós o aprendemos em 2 Pedro 2.5.

A segunda passagem bíblica se encontra em 1 Pedro 4.6: “para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos”. Mas esse texto não nos apresenta problema nenhum. O Evangelho foi pregado; não diz que está sendo pregado, nem que será pregado outra vez a eles! O fato de usarem esse tipo de passagem só nos mostra a fraqueza de argumentos e a impossibilidade de provar a ideia que tentam sustentar.

Que a morte sela o destino dos perdidos, podemos provar de forma negativa através do fato — conclusivo, por si mesmo — de que não temos uma só ocorrência descrita em nenhum dos Testamentos, Antigo e Novo, de algum pecador sendo salvo depois da morte. Não existe nem mesmo uma só passagem bíblica que acene com a esperança de uma promessa de que isso aconteça no futuro. Mas há passagens bíblicas que contêm ensino claramente oposto a isso. Vamos examinar alguns desses textos, agora.

Vejamos, primeiro, Provérbios 29.1: “O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz, de repente será destruído sem que haja remédio” (Versão da SBTB). A verdade está tão explícita e inequívoca, que não precisa nem de explicação nem de reforço de nossa parte. Uma vez que o pecador rebelde morre, isso haverá de ocorrer “sem remédio”. Nada poderia ser mais claro: a morte sela o seu destino.

Além do mais, em Mateus 9.6, lemos o seguinte: “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse, então, ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa”. Por que o Senhor não disse simplesmente “O Filho do Homem tem autoridade para perdoar pecados” e então parou? Isso teria sido suficiente para replicar aos que O criticavam. Entendemos que a única razão por que o Salvador fez questão de adicionar as palavras “sobre a terra” foi para nos fazer entender o seguinte: depois que o pecador deixa “a terra”, o Filho do Homem (Cristo em Seu caráter mediatório) não tem “autoridade” para perdoar pecados!

Uma ocorrência similar à que acabamos de considerar encontra-se em João 12.25: “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna”. Repare que o contraste de ideias estaria perfeito sem as palavras restritivas “neste mundo” — “Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida preservá-la-á para a vida eterna”. Tornamos a repetir que entendemos como a única razão de Cristo adicionar essas palavras qualificativas “aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” o seguinte: mostrar que o destino fica definitivamente determinado uma vez que deixamos este mundo.

No texto de 2 Coríntios 5.10, que se refere aos crentes, temos outro exemplo do cuidadoso uso da linguagem qualificativa: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”. Os santos terão de dar conta não meramente daquilo que fizeram, mas haverão de receber de acordo com o que fizeram “por meio do corpo”. Não entra em consideração o que fizeram no intervalo que vai do momento em que deixaram o corpo até a ressurreição.

Em João 8.21, encontramos registrado o que Cristo disse aos Seus inimigos: “Vou retirar-me, e vós me procurareis, mas perecereis no vosso pecado; para onde eu vou vós não podeis ir”. Repare cuidadosamente a ordem das duas últimas partes da frase. Uma vez que eles morressem nos seus pecados, seria impossível que fossem para o céu. A solenidade da força desse versículo se torna mais evidente se o contrastarmos com João 13.36: “Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás”. Repare na ausência da palavra “agora” em João 8.21. A Pedro foi dito, como a um característico santo, “mais tarde, porém, me seguirás (para o céu)”; mas para os ímpios Cristo declarou: “para onde eu vou vós não podeis ir”!

3. O que aguarda o pecador na morte

Nesse assunto, obviamente nos voltamos ao ensino do Senhor, para obtermos luz, porque Ele falou mais do que qualquer outra pessoa a respeito do futuro dos perversos. E não o fazemos em vão, pois em Lucas 16 O encontramos removendo o véu que oculta de nós aquilo que está além da morte. Ele nos conta de um homem rico que morreu “e foi sepultado” (v. 22). Mas ele não cessou de existir. Longe disso; o Senhor continuou a história, dizendo: “No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos”. Não há porque duvidar que Cristo estava aqui descrevendo a real experiência desse homem rico após a

morte; afirmar de outra forma é tornar-se culpado da blasfêmia de acusar o Filho de Deus de usar uma linguagem que Ele sabia que haveria de iludir incontáveis multidões daqueles que no futuro leriam o registro das Suas palavras. Não há quem se aproxime desta passagem bíblica sem preconceito mental que de alguma forma creia que ela trata de algo além de uma clara e simples descrição daquilo que aconteceu ao perverso após a sua morte. Somente aqueles que de antemão chegaram à conclusão que não existe tormento para o descrente após a morte, que se aproximam desta passagem bíblica determinados a explicar de forma diferente o sentido óbvio dela, que rejeitam aquilo que ela contém e leem nela aquilo que ela não contém.

“No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos”. A palavra grega traduzida aqui como inferno é “Hades” (como aparece na RC), que é um termo genérico para o mundo invisível, para onde passam as almas de todos ao morrer. Não há dúvida que se deve ao fato de que as almas dos santos bem como as dos pecadores são descritas como entrando no Sheol, na morte, que levou os tradutores a verter o termo como “sepultura” em vários casos. Mas o fato que tanto em hebraico como no grego existe uma palavra inteiramente diferente usada para “sepultura” deveria ter impedido um erro desses. O Espírito Santo, por toda parte, cuidadosamente preservou a distinção entre os dois termos. Um exame atencioso de cada passagem no Velho e no Novo Testamentos onde essas palavras ocorrem mostrará que há várias coisas que se dizem sobre a sepultura (hebraico: “queber”; grego: “mnemeion”) que jamais poderia ser dito a respeito de “Sheol” ou “Hades”; e muitas coisas são ditas desse último que jamais se podem relacionar aos primeiros. Por exemplo: tanto a palavra hebraica como a palavra grega para “sepultura” ocorrem no plural continuamente; com Sheol e Hades isso nunca acontece. Com frequência, a palavra hebraica e a palavra grega para “sepultura” são usadas como possessão de indivíduos — “minha sepultura” (Gn 50.5); “a sepultura de Abner” (2 Sm 3.32); “e o depositou no seu túmulo novo (de José), que fizera abrir na rocha” (Mt 27.60); “Os sepulcros dos justos” (Mt 23.29) etc. Em Gênesis 50.5, lemos: “no meu sepulcro que abri para mim”. Quanto ao Sheol e ao Hades não se encontram referências desse tipo. Já dissemos o suficiente para provar que nem Sheol nem Hades são a sepultura. Podemos afirmar confiantemente, dessa forma, que nem Sheol nem Hades jamais deveriam ser traduzidos como “sepultura” ou “a sepultura”.

Hades refere-se ao mesmo lugar que Sheol. A sua identificação é inequivocamente estabelecida por meio da comparação entre o Salmo 16.10 com Atos 2.27: “Pois não abandonarás a minha alma ao Sheol” (Sl 16.10 — BRA) é “Porque não deixarás a minha alma no Hades” em Atos 2.27 (BRA). Mas é importante manter em mente que o Sheol ou Hades tem dois compartimentos, reservados respectivamente para os salvos e para os perdidos. E “entre” esses dois, nosso Senhor nos informa, existe “um grande abismo” (Lc 16.26). O compartimento que agora estamos considerando é o que recebe a alma dos perversos. Cristo declara que nele existe uma “chama” que atormenta. Isso está em perfeita harmonia com o ensino do Antigo Testamento com referência ao Sheol. Em Deuteronômio 32.22, lemos o seguinte: “Porque um fogo está acendido na minha ira, Arde até o mais profundo Sheol” (BRA). Também na parábola do trigo e do joio, nosso Senhor disse o seguinte: “no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado” (Mt 13.30). A explicação disso se encontra nos

versículos 40-42 do mesmo capítulo: “Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do Homem os seus anjos, e eles colherão do seu Reino tudo o que causa escândalo e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali, haverá pranto e ranger de dentes” (RC). Como isso acontece no final desta era e antes de começar o julgamento, a “fornalha de fogo” deve referir-se ao Hades, e não ao lago de fogo.

Voltando, então, ao ensino de Lucas 16 sobre a experiência do perverso imediatamente após a morte, lemos o seguinte: “E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos” (RC). Temos aqui um ser que tem percepção, uma pessoa consciente, num lugar definido, sofrendo ali de forma excruciante. Ele estava “em tormentos”. A sua angústia era tão grande, que ele suplicou que alguém “molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua” (v. 24). Mas esse alívio lhe foi negado. Foi-lhe pedido que “lembrasse” como ele havia vivido — um adorador de Mamon. Somos assegurados de que essa será a maldição de todo aquele que morrer em seus pecados.

4. A total falta de esperança dos perdidos

Até agora vimos que, primeiro, o julgamento dos perversos é certo; segundo, a morte sela a maldição deles; terceiro, ao morrer, a alma dos incrédulos vai para o Hades, para o compartimento do mundo invisível reservado para os perdidos, para ali ser atormentada na chama de fogo. Ali eles permanecem até o julgamento, quando serão ressuscitados e trazidos diante do grande trono branco para receber a sua sentença final. Dedicamos, por isso, uma seção especial para demonstrar que, depois que os perversos são retirados do Hades, mesmo então não há nenhuma esperança quanto à sua salvação.

A primeira referência bíblica a que apelamos como prova disso é João 5.28,29 (RC): “todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação”. Esse é o solene anúncio do Filho de Deus. Pesemos bem as Suas palavras. Aqui Ele nos diz de forma breve aquilo que aguarda a totalidade dos mortos. Eles estão divididos em duas classes: aqueles que praticaram o bem, e aqueles que praticaram o mal. Para os primeiros, haverá a “ressurreição da vida”; para os outros, a “ressurreição da condenação”. Para aqueles que praticaram o mal não haverá ressurreição para um período de prova, e para eles não haverá, depois, uma ressurreição para salvação; mas simplesmente e somente a ressurreição da condenação. Isso remove o próprio fundamento em que alguém possa querer construir a futura esperança para os perversos!

Em 1 Tessalonicenses 4.13, lemos o seguinte: “Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança”. Aqui o apóstolo traça um contraste entre o cristão que sente pesar pela morte de crentes queridos, e o pagão que lamenta a perda dos seus queridos. O cristão pode entristecer-se com a partida de um parente ou amigo salvo, mas ele pode confortar-se com a bendita esperança que encontra nas Escrituras, a esperança de serem reunidos na vinda do Senhor. Essa esperança não têm o pagão e o não-salvo na cristandade, os quais lamentam a perda dos amigos não-salvos. Sim, eles “não têm

esperança”. Isso não se atenua de forma alguma pelo fato de que em Efésios 2.12,13 nós lemos a respeito daqueles que estavam “sem esperança” e que no entanto “foram aproximados pelo sangue de Cristo”. O texto de Efésios fala daqueles que estavam vivos no mundo, e enquanto se está aqui existe sempre uma esperança de que possam ser salvos; embora enquanto permanecem sem serem salvos eles estão “sem esperança”, isto é, sem nenhuma esperança garantida pelas Escrituras. Mas a passagem de Tessalonicenses fala daqueles que saíram deste mundo sem serem salvos, e para eles “não há esperança”. Quaisquer que sejam as vãs esperanças que os perversos possam agora cultivar com respeito ao futuro, a “expectação dos perversos perecerá” por completo (Provérbios 10.28)!

Uma outra referência que prova a situação sem esperança daqueles que rejeitaram a verdade de Deus encontra-se em Hebreus 10.26-29: “Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calçou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?” Para nosso presente propósito não precisamos parar para considerar de quem essa passagem fala de modo específico. É suficiente saber que ela trata daqueles que deliberadamente resistiram à luz. A respeito desses somos informados que “já não resta sacrifício pelos pecados”. Se já não resta sacrifício pelos pecados, então eles mesmos têm de sofrer a penalidade divina por eles. Essa mesma passagem nos informa o que é essa penalidade; é “fogo vingador” que haverá de devorá-los. É um juízo “sem misericórdia”. É um “castigo” mais severo do que aquele que sobreveio a quem não fez caso da lei de Moisés.

“Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tiago 2.13). É verdade que o apóstolo está escrevendo, aqui, a santos, mas neste verso que citamos há uma notável mudança na linguagem dele, e aqui ele obviamente está falando dos não-salvos. No verso anterior, ele havia dito “Vós” (RC), mas agora ele muda para “aquele”. Aquele que não usou de misericórdia (para com seu semelhante) será julgado “sem misericórdia” por Deus; e isso, a despeito do fato de que “a misericórdia triunfa sobre o juízo”. A última cláusula aparece claramente com o propósito de injetar solenidade ao que se diz antes. Juízo “sem misericórdia” é linguagem que nos lembra Isaías 27.11, onde lemos o seguinte: “este povo não é povo de entendimento; por isso, aquele que o fez não se compadecerá dele e aquele que o formou não lhe mostrará nenhum favor” (RC). Se esse juízo, então, é “sem misericórdia”, ele fecha a porta a toda possibilidade de alguma suavização final, ou mesmo uma modificação dessa terrível sentença! E como isso expõe a inconsistência da esperança cultivada por muitos, qual seja, que no último grande Dia eles pensam em lançar-se na misericórdia dAquele a quem agora desprezam e desafiam! Será vão clamar misericórdia naquela ocasião. Desde a antiguidade Deus diz a Israel: “Pelo que também eu

os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei”³. Assim será no juízo final.

Podemos considerar também uma outra referência bíblica associada a esse assunto: “ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre” (Jd 13). Isso é terrivelmente solene. Este versículo refere-se à futura porção daqueles que agora “transformam em libertinagem a graça de nosso Deus” e “negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo” (Jd 4). Para eles está reservada “a negridão das trevas, para sempre”. A infinita noite da sua maldição jamais será abrandada por uma simples estrela de esperança. Dessa forma procuramos demonstrar que a Palavra de Deus, por meio de uma variedade de expressões, cada qual convincente e sem ambiguidade, revela a total falta de esperança daqueles que participarem da “ressurreição da condenação”.

Queremos, agora, considerar:

5. A morada final dos perdidos

Essa morada final recebe pelo menos dois diferentes nomes no Novo Testamento: “geena” e “lago de fogo”. Vamos agora examinar o ensino das Escrituras sobre o assunto.

Primeiro, “geena” é a forma grega da expressão hebraica “vale de Hinom”, que era um profundo desfiladeiro ao oriente de Jerusalém. Esse vale de Hinom era a princípio usado para ritos idólatras (2 Cr 28.3). Mais tarde, tornou-se um cemitério (Jr 7.31), ou mais provavelmente um crematório. Mais tarde ainda tornou-se o lugar onde o lixo de Jerusalém era jogado e queimado (conforme Josefo). Havia constante fogo, a fim de consumir a sujeira e o entulho ali depositados.

Segundo, esse vale de Hinom prenunciava a grande lixeira do universo — o inferno, exatamente como outros lugares e pessoas das Escrituras do Antigo Testamento descreviam outros objetos mais vis — por exemplo, o “rei de Tiro” em Ezequiel 28. Da mesma forma que aquilo que se diz desse rei tem em vista um outro mais sinistro do que ele, assim aquilo que se diz do vale de Hinom simbolizava aquilo que é muito mais horrível. Da mesma forma que não se pode restringir “o rei de Tiro” a um mero homem do passado, também não podemos limitar a geena ao vale que existia outrora perto de Jerusalém.

Terceiro, nosso Senhor usou o vale de Hinom como um símbolo do inferno, e assinou com o selo da Sua autoridade o mais amplo e mais solene alcance da palavra. Deve-se considerar com cuidado que, quando falava da geena, Ele nunca se referia ao mero vale literal perto de Jerusalém, mas empregava o termo para designar o lugar dos tormentos eternos.

Quarto, geena, no sentido usado no Novo Testamento, refere-se a um lugar. “Se o teu olho direito te serve de pedra de tropeço, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém mais que se perca um dos teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado na geena” (Mt 5.29 — BRA. Veja também Mt 18.9).

³ Ezequiel 8.18.

Quinto, o fogo da geena é eterno. “Se a tua mão te servir de pedra de tropeço, corta-a; melhor é entrares na vida manco, do que, tendo duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga” (Mc 9.43,44 — BRA).

Sexto, geena é o lugar onde tanto a alma como o corpo são destruídos. “Não temais aos que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer na geena tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28 — BRA). Essa passagem é muito importante, porque mais do que qualquer outra ela nos capacita a entender o real sentido desse termo. O fato de que tanto a “alma” como o corpo são ali destruídos, é prova positiva de que nosso Senhor não estava Se referindo ao vale de Hinom. Assim, também, o fato de que o “corpo” é destruído ali, faz com que seja certo que “geena” não é outro nome para “Hades”. Ao considerar esse solene versículo, deveríamos lembrar que “destruir” não significa aniquilar. Alguns levantam uma objeção ao fato de que Cristo aqui não disse expressamente que Deus vai “destruir tanto alma como corpo no inferno”, mas apenas disse “Temei Aquele que pode fazer isso”. Isso nos permite uma simples e conclusiva resposta. É muito evidente aqui que Cristo não está atribuindo a Deus um poder que ninguém pode negar, mas que Ele, apesar disso, jamais haverá de exercer! Ele não estava simplesmente afirmando a onipotência de Deus, mas expressando uma solene ameaça que também será executada. Que era isso que Ele pretendia, fica sem sombra de dúvida estabelecido quando comparamos Mateus 10.28 com a passagem paralela de Lucas 12.5: “Eu, porém, vos mostrarei a quem deveis temer: temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno. Sim, digo-vos, a esse deveis temer”. Essa ameaça nós sabemos que será cumprida.

Sétimo, geena é o mesmo que lago de fogo. Há quatro coisas que indicam isso, e, juntas, constituem uma prova cumulativa e clara. Primeiro, o fato de que na geena Deus “destroi” tanto alma como corpo (Mt 10.28). Isso mostra que os perversos que ali são destruídos já receberam corpos ressuscitados. Segundo, o fato de que o fogo da geena é eterno: ele é “inextinguível” (Mc 9.43). Em lugar nenhum se diz isso do fogo do Sheol ou do Hades. Terceiro, em Isaías 30.33, aprendemos que “Tofete” (BRA) está preparado para “o rei” — isto é “o rei” de Daniel 11.36, que é o Anticristo, “o assírio” de Isaías 30.31 (BRA). Ora, “Tofete” é outro nome para o vale de Hinom, como se pode ver por uma referência a Jeremias 7.31,32. Em Apocalipse 19.20, somos informados que a Besta (o Anticristo) juntamente com o Falso Profeta serão “lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre”. Dessa forma, pela comparação de Isaías 30.33 com Apocalipse 19.20, aprendemos que a geena e o lago de fogo são uma mesma coisa. Finalmente, repare a ausência de “geena” em Apocalipse 20.14: “A morte e o Hades foram lançados no lago de fogo”, significando as pessoas a quem a morte e o Hades dominaram — a “morte” dominando o corpo; o “Hades” reclamando a alma. Pelas palavras finais do versículo — “Esta é a segunda morte” — fica claro que quando a “morte e o Hades” são lançados dentro do lago de fogo isso se refere aos seus cativos, às suas vítimas. Repare então que não somos informados que a “geena” foi lançada no lago de fogo, porque a “geena” e o lago de fogo são o mesmo lugar.

Apresentaremos agora alguns comentários sobre o lago de fogo e enxofre. A análise a seguir indica o ensino das Escrituras sobre o assunto.

Primeiro, é o lugar que receberá, definitivamente, a Besta e o Falso Profeta: Apocalipse 19.20.

Segundo, é o lugar que receberá, definitivamente, o diabo: Apocalipse 20.10.

Terceiro, é o lugar que receberá, definitivamente, todos aqueles cujos nomes não forem encontrados no Livro da Vida: Apocalipse 20.15 e 21.8.

Quarto, é um lugar de tormento: Apocalipse 20.10.

Quinto, é um lugar cujo tormento é incessante e jamais acabará, “dia e noite por todos os séculos”: Apocalipse 20.10 e 14.11.

Sexto, o lago de fogo também é chamado de “a segunda morte”: Apocalipse 20.14, 21.8, etc.

Sétimo, ele “não tem poder” sobre o povo de Deus: Apocalipse 20.6 e 2.11.

No sexto item acima, informamos que o lago de fogo também é chamado de “a segunda morte”. Há pelo menos três razões que se podem sugerir para explicar o porquê disso. Primeira, esse nome declara que os tormentos sem fim do lago de fogo são a penalidade e o salário do pecado. “O salário do pecado é a morte”. Segunda, o uso desse nome chama a atenção ao fato de que todos que são lançados no lago de fogo estarão eternamente separados de Deus. Da mesma forma que a primeira morte é a separação da alma do corpo, assim a segunda morte será a eterna separação da alma de Deus — “Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (2 Ts 1.9). Terceira, esse título enfatiza o horror do lago de fogo. Para o homem comum, a morte é o maior de todos os seus medos. Ele naturalmente recua dela; a morte é o que ele mais teme. Quando, então, o Espírito Santo denomina o lago de fogo como “a segunda morte”, Ele está enfatizando o fato de que ele é um objeto de horror, do qual o pecador deveria fugir.

6. A eternidade dos sofrimentos dos perdidos

A respeito desse ponto, a linguagem das Escrituras é extremamente explícita. Em Mateus 25.41, lemos do “fogo eterno”. Em Mateus 25.46, lemos do “castigo eterno”. Em Marcos 3.29, lemos do “eterno juízo”. E em 2 Tessalonicenses 1.9, lemos da “eterna destruição”. Estamos cientes de que os inimigos da verdade de Deus têm tentado alterar indevidamente essa palavra traduzida como “eterna”. Mas os esforços deles têm sido inteiramente fúteis. É impossível traduzir essa palavra grega por outra, fato que se torna evidente pelo seguinte: A palavra grega é “aionios”, e o seu significado e extensão foram definidos de forma terminante pelo Espírito Santo em, no mínimo, duas passagens bíblicas: “não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Co 4.18). Aqui se estabelece um contraste entre as coisas “que se veem” e as coisas “que se não veem”; entre as coisas “temporais” e as coisas “eternas”. Ora, é óbvio que, se as coisas “temporais” durassem para sempre, não haveria antítese entre elas e as coisas “eternas”. Também é

óbvio que, se as coisas “eternas” fossem apenas “de longa duração”, então não poderiam ser apropriadamente contrastadas com as coisas que são temporais. A diferença entre as coisas temporais e as eternas neste versículo é tão grande como a diferença entre as coisas “que se veem” e as coisas “que se não veem”.

O segundo exemplo, que tem as mesmas características de 2 Coríntios 4.18, é igualmente conclusivo. Em Filemon 15, lemos o seguinte: “Pois acredito que ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre”. Aqui a palavra grega traduzida como “para sempre” é *aionios*. O apóstolo suplica a Filemon que receba Onésimo, que fugiu do seu senhor, e a quem Paulo agora envia de volta. Quando o apóstolo diz “o recebas para sempre”, é evidente que o significado é que ele nunca mais será banido, nunca mais será vendido, nunca mais será despedido. “*Aionios*”, aqui, é contrastado com “temporariamente”, para mostrar que significa exatamente o oposto dessa expressão.

‘Eterno’ (ou ‘para sempre’) é o único e invariável significado de *aionios* no Novo Testamento. A mesma palavra, traduzida como “destruição eterna”, “castigo eterno”, “fogo eterno” é traduzida como “vida eterna” em João 3.16; “salvação eterna” em Hebreus 5.9; “Sua eterna glória” em 1 Pedro 5.10. Não há necessidade de nenhum argumento para provar que nessas passagens é impossível traduzir apropriadamente de outra forma as palavras ‘para sempre’ e ‘eterno’. E assim também ocorre com as outras passagens bíblicas. O “fogo eterno” coincide com a existência do “Deus eterno”. O “castigo eterno” dos perdidos se estenderá por todo o tempo da “vida eterna” dos crentes. O “juízo eterno” dos perversos não terá fim assim como não terá fim a “eterna salvação” dos remidos. A “eterna destruição” dos descrentes se mostrará tão interminável como a “glória eterna” de Deus. Negar o primeiro é negar o último. Afirmar a eternidade de Deus é comprovar a perpetuidade do sofrimento dos Seus inimigos.

7. O caráter final do estado dos perdidos

A maldição daqueles que forem lançados no lago de fogo é irrevogável e definitiva. Há muitos fatos que provam isso. O perdão dos pecados está limitado à vida nesta terra. Uma vez que o pecador sai deste mundo, não resta mais “sacrifício pelos pecados”. O fato de que a alma do ímpio, ao morrer, vai imediatamente para a “fornalha de fogo” (Mt 13.42), dá testemunho do caráter permanente do seu estado futuro. O fato de que, mais tarde, a sua ressurreição é para “condenação” (Jo 5.29) exclui toda possibilidade de um alívio de última hora. O fato de que ele é lançado de corpo e alma dentro do lago de fogo prova que nessa hora ele recebe a sua porção final. O fato de que o lago de fogo é denominado de “segunda morte” denota a completa desesperança da situação do condenado. Da mesma forma que a primeira morte o separa para sempre deste mundo, assim a segunda morte o separa para sempre de Deus.

Em Filipenses 3, o apóstolo Paulo fala dos inimigos da cruz de Cristo e, movido pelo Espírito Santo, ele nos diz que o “destino deles é a perdição” (v. 19). Ele não poderia ter usado linguagem mais forte e mais inequívoca. Além do “fim”, não existe mais nada. E o fim dos inimigos da cruz de Cristo é “destruição”, e não salvação. A palavra grega

traduzida aqui como “fim” é “telos”. Nós a encontramos nas seguintes passagens: “o seu reinado não terá fim” (Lc 1.33); “Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.4); “não teve princípio de dias, nem fim de existência” (Hb 7.3); “Eu sou ... o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Ap 22.13).

Como acabamos de ver, o capítulo vinte de Apocalipse descreve o julgamento final dos ímpios diante do grande trono branco, depois do quê eles são lançados para dentro do lago de fogo. Os capítulos seguintes — os dois últimos da Bíblia — podem ser lidos com cuidado e diligentemente examinados, mas não se encontrará ali nem sequer uma indicação de que aqueles que foram lançados no lago de fogo em algum tempo futuro haverão de sair dali. Em vez disso, encontramos no último capítulo da Palavra de Deus a seguinte afirmação solene: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo” (Ap 22.11). Dessa forma, o caráter final do seu estado é expressamente declarado na página final das Escrituras Sagradas.

Nos dois últimos capítulos, consideramos alguns dos principais sofismas criados pelos incrédulos contra a verdade do castigo eterno, e também examinamos o ensino das Escrituras com respeito ao destino dos ímpios. Aproximamo-nos, agora, do mais solene aspecto do nosso assunto, ou seja, **A ESPÉCIE DE CASTIGO QUE AGUARDA OS PERDIDOS.**



Capítulo 3

A espécie de castigo que aguarda os perdidos

1. A parte que cabe aos ímpios logo após a sua morte

Voltamo-nos, primeiro, ao ensino de nosso Senhor em Lucas 16. Aqui, aprendemos as seguintes verdades: No Hades, os perdidos estão em plena posse das suas faculdades e sensibilidades. Eles enxergam, já que o homem rico viu Abraão ao longe, e Lázaro no seu seio (v. 23). Eles sentem, já que ele estava “em tormentos” (v. 24). Eles suplicam misericórdia, visto que ele pediu — embora em vão — uma gota de água fria para a sua língua (v. 24). Eles continuam em posse da memória, pois ao homem rico foi pedido que “lembrasse” o que ele tinha recebido durante a sua vida na terra (v. 25). É impossível que eles se encontrem com os redimidos, visto que há entre eles um “grande abismo” (v. 26).

Indizivelmente solene é isso tudo. Os perdidos não somente serão atormentados em chamas, mas a sua angústia será intensificada infinitamente pela visão dos redimidos que estão sendo “consolados”. Aí então eles haverão de ver a alegre porção dos bem-aventurados que eles desprezaram, preferindo os prazeres transitórios do pecado. E como, além disso, o fato de continuarem a possuir a capacidade de lembrar haverá de intensificar os seus sofrimentos! Quão imensa será a tristeza com que recordarão as oportunidades desperdiçadas, as censuras dos pais e amigos desdenhadas, os avisos dos servos de Deus não levados em consideração, as proclamações do evangelho de Deus menosprezadas. E então saber que não há como escapar, não há meio de alívio, não há esperança de perdão! O seu destino será insuportável; não haverá como aguentar a sua horrível sina. O Filho de Deus asseverou que “ali haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13.42). É muito significativo que Cristo tenha se referido a isso exatamente sete vezes — denotando o completo sofrimento e angústia deles (Veja Mt 8.12; 13.42,50; 22.13; 24.51; 25.30; Lc 13.28).

2. O destino final dos ímpios

1. As Escrituras falam desse destino final como a “penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor” (2 Ts 1.9). Ninguém, a não ser aquele que de fato conhece a

Deus, pode começar a avaliar o que significa ser eternamente banido da presença do Senhor. Para sempre separado da Fonte de todo bem! Nunca jamais gozar a luz da face de Deus! Nunca jamais regozijar-se com o calor da Sua presença. Isso, isso é o mais horrível de tudo. O texto de 2 Tessalonicenses 1.9 deixa bem claro que o julgamento de Mateus 25, com a sua sentença eterna, nos dá uma visão do que acontece após o julgamento. A “eterna destruição, banidos da face do Senhor” se equipara com “Apartai-vos de mim, malditos”.

2. O destino final dos ímpios é chamado de “castigo eterno” (Mt 25.46). Em 1 João 4.18, a mesma palavra grega é traduzida como “tormento”. Esse termo comunica a satisfação da justiça de Deus. Na punição dos ímpios, Deus demonstra a Sua majestade ultrajada. Nisto o castigo se diferencia da correção ou disciplina. O castigo não se destina a beneficiar aquele que o sofre. Ele se destina a impor a lei e a ordem; ele é necessário para preservar o governo.

3. O destino final dos ímpios é chamado de “tormento”. Sabemos disso pelo fato de que o fogo eterno onde serão lançados os ímpios é “preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41), o que, mais do que esclarecer quem o haverá de suportar, especifica e reforça a enormidade e o horror desse castigo. Esse versículo expõe a severidade do castigo dos perdidos. Se o fogo eterno foi “preparado para o diabo e seus anjos”, quão insuportável não será! Se o lugar do tormento eterno, no qual todos os descrentes serão lançados, é o mesmo onde o arqu-inimigo de Deus haverá de sofrer, quão terrível não deve ser esse lugar!

Através de Apocalipse 20.10, torna-se claro que esse fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos, produzirá o mais terrível sofrimento. Ali somos informados que Satanás será atormentado “de dia e de noite, pelos séculos dos séculos”. Não há dúvida de que esse tormento será tanto interno como externo, mental e físico. A palavra ocorre a primeira vez no Novo Testamento em Mateus 8.6: “Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente”. A mesma palavra ocorre outra vez em Apocalipse 9.5, onde lemos de gafanhotos infernais, vindos do poço do abismo, a quem foi dado poder de atormentar os homens. Sua ação é descrita assim: “E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém”. O sofrimento que causarão será tão intenso, que “os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles” (Ap 9.6). Esse tormento significa nada mais nada menos do que a mais excruciante dor que somos capazes de conceber. Não temos nem ideia de quanto o sofrimento do inferno haverá de exceder qualquer dor que se possa sentir aqui na terra.

4. O destino final dos ímpios é descrito como sofrer “a pena do fogo eterno” (Jd 7 — RC). Mas há muitos que dizem ser essa uma expressão meramente figurativa. Perguntamos: Como é que eles sabem disso? Onde é que Deus disse isso nas Escrituras? Pessoalmente, cremos que quando Deus diz “fogo” Ele quer dizer “fogo”. Recusamo-nos a embotar o fio da espada de Sua Palavra. Foi o dilúvio figurativo? Foram figurativos o “fogo e enxofre” que desceram do céu e destruíram Sodoma e Gomorra? Foram figurativas as

pragas que desceram sobre o Egito? Será figurativo o fogo que haverá de queimar esta terra, fazendo com que os elementos se derretam abrasados? Não! Em cada um desses casos somos obrigados a tomar as palavras das Escrituras em sua significação literal. Que prestem contas a Deus aqueles que se atrevem a afirmar que o fogo do inferno não é literal. Não somos juízes deles; mas recusamo-nos a aceitar a suavização que eles fazem dessas palavras solenes. Para este escritor, o fogo literal não apresenta dificuldade nenhuma. Os perdidos possuirão corpos literais quando forem lançados no inferno. Os “anjos” também têm corpos; e, pelo que nos é dado supor, também o diabo possui um corpo.

Mas muitas vezes se pergunta: Como é que o corpo dos perdidos pode ser atormentado eternamente se o fogo é literal? Não seriam consumidos completamente pelo fogo? Mesmo se não tivéssemos condições de responder a essas perguntas, ainda creríamos que as Escrituras significam exatamente o que dizem. Mas somos gratos que a Palavra de Deus responde a essa questão. Em Êxodo 3, lemos da sarça no deserto, que ardia com fogo, e contudo não se consumia! Em Daniel 3, lemos dos três jovens hebreus que foram lançados na fornalha ardente na Babilônia, e contudo não foram consumidos. Como foi que isso aconteceu? De alguma forma, que desconhecemos, Deus preservou a sarça e os corpos dos três jovens hebreus. Será Deus, então, incapaz de preservar os corpos dos condenados de se consumirem? É evidente que não. Mas não somos nem mesmo deixados meramente nessa inevitável inferência. Em Marcos 9.47-49, lemos o seguinte: “é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois, seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga. Porque cada um será salgado com fogo”. A expressão “salgado com fogo” confirma o que dissemos acima. O sal é um conservante; por conseguinte, quando somos informados que “cada um” que é lançado na Geena será “salgado com fogo”, aprendemos que o próprio fogo, longe de consumir haverá de preservar. Se alguém perguntar: Como pode ser isto? Responderemos: Porque esse fogo foi “preparado” por Deus (Mt 25.41).

5. O destino final dos ímpios é descrito como uma associação com os mais detestáveis dos perversos. “Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Ap 21.8). Ah, prezado leitor, avalie bem essa linguagem solene. Você pode ser alguém de cultura e de modos refinados. Avaliada por padrões morais, sua vida talvez seja exemplar e sem defeito; talvez você se orgulhe de sua honestidade e autenticidade; você talvez seja muito detalhista na escolha de amigos e muito cuidadoso ao evitar a companhia dos profanos e pessoas de maus costumes; talvez você seja até mesmo religioso, e contemple com desprezo e compaixão os idólatras deste mundo. Mas Deus diz que, se você morrer na incredulidade, a sua porção será com os “abomináveis, os assassinos, os impuros, os feiticeiros, os idólatras e com todos os mentirosos”. Pense no que significa passar a eternidade na penitenciária do universo em companhia de Caim, e Faraó, e Judas! Pense no que significará ser trancafiado com os vis sodomitas! Pense no que significa ser encarcerado para sempre com todos os blasfemadores que já viveram neste mundo!

6. A porção final dos ímpios é descrita como “a negridão das trevas, para sempre” (Jd 13). Os seus terríveis sofrimentos nunca jamais serão aliviados; os seus tormentos serão intermináveis. Não há meio de escapar. Não há possibilidade de aliviar a sentença. Não haverá ninguém capaz de auxiliá-los e interceder por eles diante de Deus. Eles receberam muitas vezes a oferta de um Mediador neste mundo; mas nenhuma oferta dessas lhes será feita no lago de fogo. “Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz”.⁴ Não haverá lugar de descanso no inferno; nenhum refúgio onde possam encontrar um pouco de trégua; nenhuma fonte refrescante onde possam refrescar-se. Não haverá nem mudança nem variação no seu destino. Dia e noite, para todo o sempre, serão punidos. Sem nenhuma esperança de melhora, afundarão em indescritível desespero.

7. A porção final dos ímpios estará além da capacidade de resistência do seres humanos. “Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó” (Mt 21.44). Há muitos que agora dizem: “Se no final eu me encontrar no inferno, farei de tudo para suportá-lo da melhor forma possível”, como se por meio de força de vontade e decisão mental pudessem, pelo menos em parte, animar-se e habilitar-se para a situação. Mas ai deles! As suas resoluções não valerão nada.

É comum que os homens, neste mundo, evitem calamidades, mas se por fim são atingidos, fazem de tudo para conviver com elas. Fortificam-se em espírito e decidem adequar-se às dificuldades da melhor forma possível. Reúnem toda a coragem e resolução, determinados a não se entregar ao desespero. Mas será totalmente em vão que os pecadores tentem fazer isso no lago de fogo. De que adianta a um verme que está prestes a ser esmagado por uma grande rocha, juntar forças e esforçar-se para lidar contra o peso dessa pedra, e tentar evitar ser esmagado por ela? Menos ainda uma pobre alma condenada ao inferno será capaz de aguentar o peso da ira do Deus Altíssimo. Não importa o quanto o pecador se fortaleça agora para suportar os sofrimentos do inferno, no primeiro momento em que sentir as chamas, o seu coração haverá de derreter como cera diante da fornalha — “Estarão fortes as tuas mãos, nos dias em que eu vier a tratar contigo? Eu, o SENHOR, o disse e o farei” (Ez 22.14).

Se esse é o caso com os pecadores impenitentes, que eles não podem nem fugir do seu castigo, nem livrar-se dele, nem suportá-lo, o que será deles então? Vou responder com as palavras de outra pessoa:

“Eles sucumbirão completamente na morte eterna. Será um sucumbir do coração, que não temos nem condições de imaginar. Temos uma ideia de como será ao repararmos no corpo quando está em sofrimento extremo. A natureza do corpo aguenta por tempo considerável sob dor muito forte, de forma a não entrar em colapso. Haverá grandes esforços, ofegantes gemidos de lamento, e convulsões. Esses são os esforços da natureza para ficar firme quando submetida a dor extrema. Aparentemente, existe na natureza uma grande resistência contra capitular diante do sofrimento extremo; uma espécie de incapacidade de entregar-se completamente ao caos total. Mas às vezes a dor física é tão extrema e intensa, que a natureza do corpo não resiste; embora se recuse a capitular, ela não pode lidar com a dor; nota-se algum esforço, alguns espasmos, e arquejos, pode

⁴ Isaías 57.21.

haver um grito ou dois, e a natureza capitula sob a violência dos tormentos, sucumbe, e o corpo morre. Essa é a morte do corpo. Dessa forma será com a alma no inferno; ela não terá força nem poder para livrar-se a si mesma; e o seu tormento e horror serão tão grandes, tão extraordinários, tão imensamente desproporcionais à sua força que, sem ter condições de pelo menos aguentar, ainda que seja infinitamente contrário à natureza e à inclinação da alma de capitular completamente; contudo ela capitulará, ela vai capitular total e completamente, sem permanecer nenhum resquício de conforto, ou força, ou coragem, ou esperança. E embora ela não seja nunca aniquilada, a sua existência e percepção não serão jamais canceladas: contudo essa será a profundidade infinita da escuridão na qual ela haverá de afundar, esse será um estado de morte, de morte eterna.

“A natureza humana anseia a felicidade; é da natureza da alma desejar e buscar o bem-estar; e quando se encontra em situação adversa, ela também suspira por alívio; e quanto maior a adversidade, mais intensamente busca ajuda. Mas se lhe é negado todo alívio, se toda força é subjugada, todo apoio se vai; então a alma sucumbe na escuridão da morte. Nós conseguimos formar uma ideia muito tênue desse assunto; não conseguimos conceber o que é esse sucumbir da alma numa situação dessas. Mas para ajudar o leitor a formar uma ideia, imagine-se lançado numa fornalha acesa em alta temperatura, ou num forno de olaria, onde tanto a dor quanto o calor fossem muito mais intensos do que quando acidentalmente se toca uma brasa acesa. Imagine também que o seu corpo tenha de ficar ali por quinze minutos, no meio do fogo, fogo por dentro e fogo por fora, como se fosse uma brasa acesa, plenamente consciente da carne a queimar; qual não seria o horror que você sentiria ao entrar numa tal fornalha! E quão longos não lhe pareceriam esses quinze minutos! Se fosse cronometrá-los, como lhe pareceria lento o ponteiro do cronômetro! E depois de aguentar por um minuto, quão desesperadora não seria a lembrança de que ainda teria de suportar os outros catorze minutos.

“Mas qual seria o efeito sobre a sua alma, se você soubesse que teria de permanecer ali sofrendo aquele tormento por um período inteiro de vinte e quatro horas! E quão maior não seria o efeito, se você soubesse que teria de suportar o tormento por um ano inteiro, e quão infinitamente maior se você soubesse que teria de suportá-lo por mil anos! Oh, então, qual não seria o desespero se você lembrasse, se você *soubesse* que teria de aguentar isso para todo o sempre! Que não haveria fim para o tormento! Que, depois de milhões e milhões de eras, o seu tormento não estaria mais próximo de um fim do que estava antes; e que você nunca, nunca teria alívio! Mas esta ilustração consegue dar apenas uma ideia; o seu tormento no inferno será infinitamente maior. Dessa forma, o coração de qualquer pobre criatura afundará em completo desespero naquele lugar! Quão completamente inexprimível e inimaginável será o desamparo e o desespero da alma que se encontrar nessa situação” (Jonathan Edwards).

Em resumo, essa é a porção que aguarda o perdido — a eterna separação da Fonte de todo bem; o castigo eterno; o tormento da alma e do corpo; uma vida sem fim no lago de fogo, junto com os mais detestáveis dos perversos; sem nenhum raio de esperança; completamente oprimido e esmagado pela ira do Deus que pune o pecado. E é bom lembrar na Palavra de Quem é que encontramos essas solenes afirmações! Elas são encontradas na Palavra dAquele que é fiel, e por isso escreveu em linguagem clara e

indiscutível, de forma que ninguém se engane. Essas afirmações são encontradas na Palavra dAquele que não pode mentir, e por isso Ele não fez uso de linguagem exagerada. Elas são encontradas na Palavra dAquele que diz o que pensa e pensa o que diz, e por isso este escritor, por exemplo, não se atreve a fazer outra coisa senão recebê-las pelo seu valor declarado.



Capítulo 4

Aplicações práticas do assunto

O assunto que acabamos de estudar nos conduz a várias conclusões:

1ª) Aprendemos a maneira como será feita a defesa e justificação tanto do caráter quanto do trono de Deus.

Que tipo de julgamento poderia ser considerado severo demais para aqueles que não fizeram caso de um Ser tão poderoso como o Altíssimo? Se alguém culpado de traição contra um governante terreno merece perder a vida, que tipo de castigo poderia ser suficientemente grande para aquele que preferiu seus próprios prazeres em lugar da vontade e da glória de um Deus infinitamente bom? O desprezo para com alguém infinitamente superior merece sofrimento infinito. Deus ordenou ao pecador que se arrependa; Ele o convidou por meio de ofertas cheias de graça; Ele supriu generosamente cada uma de suas necessidades; e Ele lhe apresentou o Filho do Seu amor — Seu tesouro escolhido — e contudo os homens persistem em seu caminho perverso. O pecador não terá nenhum fundamento, então, para apelar contra a sentença do Juiz de toda a terra, uma vez que Ele não apenas lhe ofereceu misericórdia, mas também lidou com ele com muita paciência, quando poderia, com justiça, tê-lo eliminado quando pecou pela primeira vez e poderia tê-lo lançado no inferno na primeira vez que recusou a graça que lhe estava sendo oferecida.

O fato de Deus ser soberano exige que castigue qualquer pessoa que se rebele contra Ele. É simplesmente apropriado que Ele deixe bem clara a Sua supremacia como governador do universo. A criatura se atreveu a declarar a própria independência: o assunto resultou em amotinação contra o Rei, e é por essa razão que se torna necessária a defesa e a justificação do trono de Deus — “Agora sei que o SENHOR é maior que todos os deuses; porque na coisa em que se ensoberbeceram, os sobrepujou” (Êx 18.11 — RC). Quando Faraó se atreveu a fazer frente contra Jeová, Deus manifestou a Sua autoridade, destruindo-o no mar Vermelho. A um outro rei, Ele o transformou num animal do campo, a fim de fazê-lo saber que é o Altíssimo quem reina sobre o reino dos homens.⁵ Dessa forma, quando se encerrar a história deste mundo, Deus fará uma plena e final manifestação da Sua soberana majestade. Embora Ele hoje *suporte* (não ‘ame’) com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, isso ocorre a fim de que, naquele Dia, Ele possa “mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder” (Rm 9.22).

⁵ Daniel 4.28-37.

2ª) Aquilo que estudamos **serve para revelar a tolice e a loucura da maior parte da humanidade**, que, por causa de gratificações momentâneas, corre sério risco de ter de aguentar todos esses tormentos eternos.

Eles preferem um pequeno prazer, ou uma pequena fortuna, ou uma pequena honra terrena e fama (que dura apenas “por um pouco”) em lugar de uma salvação do lago de fogo. Se é verdade que os tormentos do inferno são eternos, de que adiantará ao homem se ele ganhar o mundo inteiro e perder a própria alma? Quem são os loucos que ouvem e leem essas coisas e dizem crer nelas, que estão vivos por um pouco de tempo, alguns poucos e curtos anos no máximo, e contudo são displicentes a respeito daquilo que lhes diz respeito no mundo vindouro, onde não haverá nem mudança nem fim! Quão loucos se mostram quando ouvem que, se insistirem no pecado, serão eternamente desgraçados, e contudo não se movem, mas escutam isso com tanta indiferença como se isso absolutamente não lhes dissesse respeito! E contudo eles não sabem que talvez se encontrem nessas chamas de tormento antes do final da próxima semana!

Como é triste notar que essa indiferença domina a grande maioria dos nossos companheiros. A idade faz pouca diferença. Os jovens estão ocupados com seus prazeres; os de meia-idade, com seu progresso neste mundo; os de idade, com as coisas que já realizaram ou deixaram de realizar. No caso dos primeiros, é a concupiscência da carne; com os segundos, a concupiscência dos olhos; com os terceiros, é a soberba da vida que afugenta da mente deles todo e qualquer pensamento sério sobre a vida por vir. “... o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos” (Ec 9.3). Oh, o poder ofuscante do pecado! Oh, a aparência enganosa das riquezas! Oh, a perversidade do coração humano! Não há nada que revele tanto essas coisas como a visão de homens e mulheres satisfeitos consigo mesmos, tranquilos e sossegados, enquanto estão suspensos sobre as chamas eternas, seguros apenas pelo frágil fio da mortalidade, o qual pode romper-se a qualquer momento.

3ª) Aquilo que aprendemos sobre o castigo eterno **deveria fazer tremer todo leitor ainda não salvo**, à medida que lê estas páginas.

Essas coisas não são meras abstrações, mas são temíveis realidades, como incontáveis milhares de pessoas já descobriram ao amargo preço da sua própria vida. Talvez elas não pareçam reais para você neste momento, mas em pouco tempo — se você continuar a rejeitar o Cristo de Deus — elas serão a *sua própria* sina. Você, também, levantará os olhos no inferno, e verá os santos no céu. Você, também, suplicará uma gota de água para aliviar sua terrível agonia, mas será tudo em vão. Você, também, implorará por misericórdia, mas então já será tarde demais. Oh, leitor ainda não salvo, suplicamos que você não despreze estas coisas nem as remova dos seus pensamentos. Foi assim que milhares antes de você agiram, e a própria lembrança da sua estupidez agora intensifica os seus tormentos. É muito melhor você tornar-se desprezível agora por um tempo, do que chorar e gemer e ranger os dentes por toda a eternidade. É muito melhor perturbar a sua atual paz falsa do que nunca provar a verdadeira paz por toda a eternidade.

O Senhor Jesus afirma: “se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”⁶. Quem quer que seja você, jovem ou velho, rico ou pobre, religioso ou ateu, se nunca se reconciliou com Deus, então é isso que o aguarda ao final da sua vida. Esse, esse é o inferno sobre o qual você está agora suspenso, e no qual você está prestes a ser lançado neste exato momento. É inútil enganar-se com esperanças de que você talvez consiga escapar dele, ou dizer em seu próprio coração “Talvez não seja assim; talvez essas coisas tenham sido apresentadas piores do que realmente são”. Essas coisas estão de acordo com a Palavra da Verdade, e se você não se deixar convencer por esta Palavra quando apresentada por homens em nome de Deus, então o próprio Deus Se responsabilizará por provar a você que essas coisas *são assim mesmo*.

Não pense que é estranho o fato de Deus tratar você tão severamente, ou que a ira que você haverá de sofrer seja tão grande. Por maior que ela seja, ainda não será tão grande quanto a misericórdia que você agora está desprezando. O amor de Deus, a Sua maravilhosa graça ao enviar o Seu próprio Filho para morrer pelos pecadores, é em tudo tão grande e maravilhosa como essa indizível ira. Você recusou aceitar a Cristo como o Salvador da ira vindoura, você desprezou o amor de Deus que chegou até a morte, por que então você não haveria de sofrer a ira na mesma intensidade da graça e do amor que você rejeitou? Será que ainda parece incrível que Deus endureça de tal forma o Seu coração contra um miserável pecador e derrame sobre ele com infinito poder a sua ira sem misericórdia? Então pare e pergunte: “Não é igualmente incrível que eu endureça o meu coração contra Ele, contra a graça infinita, contra o Filho do Seu amor?” Oh, queridos amigos, encarem a pergunta do próprio Cristo: “Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23.33). Há somente uma forma de escapar, e essa é *correr para o Salvador*⁷. Se você não quiser cair nas mãos do Deus vivo, então jogue-se nos braços do Cristo que morreu — “Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se *refugiam*” (Sl 2.12).

4ª) As coisas que aprendemos *deveriam* levar toda pessoa que se diz cristã a um cuidadoso auto-exame.

Pese com cuidado os assuntos tremendamente solenes que dizem respeito a se você *de fato* passou da morte para a vida. Você não pode dar-se o luxo de permanecer incerto quanto a isso. O que está em jogo é por demais importante. Lembre-se de que o dano será contra você mesmo. Lembre-se de que você tem um coração enganoso. Lembre-se de que o diabo é o grande *enganador* das almas. Lembre-se de que “*Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte*” (Pv 4.12). Lembre-se de que está escrito: “Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.22,23).

⁶ Lucas 13.3.

⁷ Hebreus 6.18 — RA: “nós ... já corremos para o refúgio”.

Há muitos que, agora, vestem a capa de santos, parecem santos, e sua aparência — tanto para si mesmos como para os seus vizinhos — é satisfatória. E contudo o que eles têm é apenas pele de ovelha; no coração, são lobos. Mas nenhum disfarce consegue enganar o Juiz de todas as coisas. Os olhos dEle são como labareda de fogo: eles examinam o coração, e provam os sentimentos mais profundos dos homens. Portanto, que cada um de nós tome muito cuidado para não ser enganado. Compare-se com a Palavra de Deus, pois esta é a régua pela qual você será medido. Teste as suas obras, pois é por elas que você será manifesto. Indague se você está de fato vivendo uma vida cristã; se está ou não sobre você o temor de Deus; se você está ou não mortificando os seus membros que estão sobre a terra; se você está ou não “renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas” e se você está vivendo “no presente século, sensata, justa e piedosamente”⁸, visto que é dessa forma que a “graça” ensina os santos a viverem. Suplique sinceramente e frequentemente a Deus que Ele revele você a você mesmo, e lhe mostre se você está construindo sobre a Rocha, ou sobre a areia. Faça *sua* a oração do salmista: “*Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno*” (Sl 139.23,24). No mundo vindouro, Deus vai sondá-lo, e tornar plenamente manifesto aquilo que você é, tanto para você mesmo como para os outros. Que cada um de nós, então, humildemente Lhe suplique que nos sonde agora. Temos tremenda e urgente necessidade do auxílio de Deus nesse assunto, visto que nosso coração é enganoso “mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto”⁹.

5ª) Aquilo que aprendemos sobre esse assunto deveria levar aqueles que de fato possuem a inteira segurança da fé a louvar a Deus em alta voz.

A cada um de vocês, dizemos o seguinte: Deus lhes deu um maravilhoso motivo de gratidão e ações de graça. Vocês, também, mereciam com justiça sofrer o pleno peso da ira de um Deus que odeia e castiga o pecado. Não faz muito tempo, *vocês* amavam as trevas mais do que a luz. Faz apenas pouco tempo que *vocês* voltavam um ouvido surdo tanto para os mandamentos como para as súplicas de Deus. Faz apenas no máximo poucos anos que *vocês* desprezavam e rejeitavam o Seu amado Filho. Que graça maravilhosa foi essa, então, que arrebatou *vocês* como um tição do meio do fogo! Que amor admirável foi esse que os livrou da ira vindoura! Que misericórdia inigualável foi essa que os mudou de filhos do inferno (Mt 23.15) para filhos de Deus! Oh, como vocês deveriam louvar o Pai pelo fato de ter Ele posto o Seu olhar amoroso sobre suas vidas. Como deveriam louvar o Filho por ter morrido para salvá-los do lago de fogo. Como deveriam louvar o bendito Espírito por tê-los vivificado para a novidade de vida. E como esse reconhecimento deveria ser expresso agora numa vida que glorifique o Deus triúno. Com quanta diligência deveriam procurar aprender o que é agradável à Sua vista. Com quanta sinceridade deveriam buscar a Sua vontade. Quão rapidamente deveriam trilhar o caminho dos Seus mandamentos. Que a sua vida corresponda aos louvores dos seus lábios.

⁸ Tito 2.12.

⁹ Jeremias 17.9.

6ª) O que aprendemos sobre esse assunto **deveria incitar todo o povo de Deus a um mais profundo senso de dever.**

Amado cristão, acaso você não tem obrigações para com os seus vizinhos não-cristãos? Se Deus tornou claras para você essas solenes verdades, isso não intensifica a sua responsabilidade para com os não-salvos? Se você não tem amor para com as almas, é de temer que a sua própria alma esteja em iminente perigo. Se você consegue contemplar, sem que isso o comova, homens e mulheres correndo pelo caminho largo que conduz à destruição, então é de duvidar se você tem dentro de si o Espírito dAquele que chorou sobre Jerusalém. É verdade que você não tem poder de si mesmo para salvar uma alma da morte, mas você tem distribuído fielmente aquela Palavra que é o instrumento que Deus usa para trazer almas da morte para a vida? Você está suplicando a Deus, como deveria fazer, e *dependendo* dEle para abençoar os seus esforços para conduzir os perdidos ao Cordeiro de Deus? Você é fervoroso como deveria ser em suas súplicas a Deus em favor dos perdidos? Misericórdia! Será que você não tem juntar-se a este escritor, e curvar a cabeça em sinal de vergonha? Não será isso uma boa razão para cada um de nós suplicar a Deus que nos dê uma visão mais clara dessa porção indescritivelmente horrível que aguarda todo aquele que rejeita a Cristo, e que nos capacite a agir no poder de uma tal visão?!

7ª) O que acabamos de aprender **com certeza será uma ocasião para o mais profundo louvor a Deus.**

Quaisquer que sejam as dificuldades que o castigo eterno dos perversos possa representar a nós agora — e livremente admitimos que é difícil à nossa razão apreender o assunto, e isso ocorre necessariamente porque somos incapazes de discernir a infinita malignidade do pecado, e por isso somos incapazes de ver o verdadeiro castigo que ele de fato merece — contudo, no Dia por vir isso será muito diferente. Quando contemplarmos a justiça de Deus lidando com os Seus inimigos, quando ouvirmos as sentenças sendo proferidas de acordo com as obras deles, quando virmos quão justamente e inteiramente merecedores eles são da ira sem misericórdia, e virmos como eles são lançados no lago de fogo, longe de recuar horrorizados, nossos corações darão vazão a alegre louvor. Da mesma forma que no passado o fato de que os inimigos de Deus foram lançados no Mar Vermelho motivou o Seu povo a explodir em cânticos de louvor, assim no Dia por vir seremos motivados ao regozijo quando testemunharmos a demonstração final da santidade e da justiça de Deus na destruição e no castigo de todos os que O desprezaram. Lembre-se de que na destruição dos perversos Deus será *glorificado* e que *essa* será a ocasião do regozijo do Seu povo. Deus não somente será “puro” quando julgar (Sl 51.4), mas também os Seus atributos serão *magnificados* nas sentenças pronunciadas.



Literatura disponível:

TÍTULO	AUTOR
Arca de Noé, A	Edward Griffin
Castigo Eterno, O	A. W. Pink
Causas, Sintomas e Efeitos mais evidentes de um Declínio na Vida Espiritual	John Newton
Como Examinar as Escrituras	John Newton
Como Saber se você é de fato um cristão autêntico	Jonathan Edwards
Direção de Deus, A	A. W. Pink
Escola da Obediência, A	Andrew Murray
Fariseus e Saduceus	J. C. Ryle
Onisciência	C. H. Spurgeon
Por Que Quatro Evangelhos?	A. W. Pink
Presença Real e Verdadeira, A	J. C. Ryle
Regeneração, A (O Novo Nascimento)	A. W. Pink
Uma Oração Feita no Lugar Errado	Holmes Moore
Vida de Elias, A — Volume 1 (Capítulos 1 a 12)	A. W. Pink
Vida de Elias, A — Volume 2 (Capítulos 13 a 24)	A. W. Pink
Você está vivo ou está morto?	J. C. Ryle

ATENÇÃO: Nossa literatura é impressa de forma artesanal. Aguardamos no Senhor as possibilidades de, no futuro, melhorar a qualidade. Veja a lista de preços no final do site "Medita Estas Coisas", no endereço <http://centrobiblico.sites.uol.com.br/>

Os pedidos devem ser encaminhados pela internet para
meditaestascoisas@hotmail.com